

327

MARCADOR IDENTITÁRIO RAÇA E A PRÁTICA DA ADOÇÃO. *Thais Bennemann, Neuza Maria de Fátima Guareschi (orient.)* (PUCRS).

Esta pesquisa faz parte de um projeto sobre Mídia, Adoção e Políticas Públicas de Infância, que busca problematizar a produção de modos de ser adotante e adotado, a partir do estudo de materiais midiáticos. Este trabalho, em específico, objetiva problematizar a prática da adoção a partir de dados estatísticos atuais veiculados no site da Justiça da Infância e Juventude do Estado do Rio Grande do Sul. Estes dados estatísticos informam sobre a quantidade e características da população disponível à adoção e o número de pessoas habilitadas a adotar. Em relação às crianças e adolescentes aptos à adoção, o site refere-se ao número, idade, sexo, cor da cútis, indicadores físicos e de saúde desta população. Em relação às pessoas habilitadas à adoção, o site indica as preferências quanto àquelas características das crianças e adolescentes que pretendem adotar. Este site disponibiliza os dados sobre cada uma das características em ordem de classificação por percentuais de crianças e adolescentes aptos que possuem estas características e da preferência dos adotantes em relação a estas. Neste trabalho, questionamos o marcador identitário Raça, nomeado pelo site como cor da cútis e não como característica racial. A discussão sobre marcadores identitários se fundamenta nas práticas de significação que constituem os sujeitos de determinada cultura. Nesse sentido, raça é entendida aqui como um conceito relacional que se constitui histórica, política e culturalmente. No entanto, o site, ao enunciar o marcador identitário raça de quem vai ser adotado como “cor da cútis”, acaba dissociando o contexto histórico-cultural das crianças e adolescentes aptos para adoção e naturalizando as questões raciais como meramente biológicas. (PIBIC).